

AD DE TODAS AS ÉPOCAS

Vera Regina MARTINS E SILVA
Universidade do Estado de Mato Grosso
Universidade Estadual de Campinas

As produções que vão construindo o percurso da Análise do Discurso francesa, desde os primeiros textos sob o pseudônimo de Thomas Herbert até as questões que Pêcheux lança ao final da época denominada AD-3 – questões estas que garantiram e impulsionaram a continuidade da reflexão mesmo sem ele – nos levam a refletir sobre o processo de constituição da Análise do Discurso que acaba por lhe conferir o estatuto de disciplina de entremeio (ORLANDI, 1996). Ou seja, uma disciplina não positiva que se faz na contradição da relação entre as outras disciplinas. E como tal é sua escrita. Tanto no que se refere à produção teórica, quanto à formulação da análise e seus resultados, a escrita da Análise de Discurso se mostra como uma escrita de entremeio. Trata-se de uma disciplina que não acumula teoricamente, mas reinscreve suas questões a cada movimento das práticas analíticas, o que significa dizer compreender a teoria na sua relação com a análise. Esta escrita que se beneficia das contradições entre filosofia, lingüística e ciências humanas e sociais se constitui nas relações do campo das disciplinas de linguagem, convivendo com a incompletude, a dispersão e o esquecimento.

Neste trabalho, queremos olhar para a Análise de Discurso, não de forma linear, como a estudar sua evolução e/ou superação teórica, ou ainda a aplicação da teoria à prática. Nossa proposta é de um olhar extremamente ágil, para perceber os saltos, os confrontos, as rupturas, as retomadas, os nós, as reformulações, enfim, o batimento das relações com a linguagem, com o sujeito, com a história, com a ideologia. Queremos, sim, sentir o movimento que embala teoria/prática, numa simbiose tal que garante à Análise de Discurso ser capaz de discutir seus pressupostos, reformular seus dispositivos para constituir essa *relação de nunca acabar*.

É preciso esclarecer que Análise de Discurso: três épocas não se trata de um texto "acabado" como os demais, mas de um esboço, de anotações que

Pêcheux fazia sobre suas reflexões e que pontuam aspectos importantes dos diferentes momentos que constituem o campo teórico da Análise de Discurso (ORLANDI, 2001).

Mesmo um olhar atento talvez não percebesse que se tratava da mesma pessoa, a que escrevia os dois textos assinados por Thomas Herbert - *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales, spécialement de la psychologie sociale* e *Remarques pour une théorie générale des idéologies*, publicados em 1966, 1968 e *A Análise automática do discurso* de 69. Enquanto esta última era preparada, Pêcheux, como Herbert, referia-se abertamente ao materialismo histórico e à psicanálise nos dois textos anteriores. Mas esses pressupostos diferentes daqueles que tratou no *Análise Automática* tinham uma razão de ser e representavam uma estratégia bem elaborada. Pêcheux tinha um objetivo bem definido, que era intervir teórica e cientificamente no campo das ciências sociais, mais especificamente no da psicologia social. Mas ele sabia que esse embate não poderia ser sustentado por uma crítica filosófica tradicional, já rejeitada pelos especialistas das ciências sociais. Para que isso fosse evitado e para fundamentar sua crítica ao uso dos instrumentos dessas ciências, ele propõe a definição de um novo instrumento científico, que seria sua *análise automática do discurso*.

Com as publicações de Herbert, Pêcheux institui uma provocação que consiste em evidenciar o que ele considerava estado pré-científico das ciências sociais. Com o primeiro texto, ele critica essa falta de cientificidade e desenvolve uma análise sobre o que é um instrumento científico¹. Para ele toda ciência requer seus instrumentos e estes podem ter sido simples técnicas antes de serem utilizados nas práticas científicas.

No segundo texto, Herbert resume os resultados do primeiro, definindo duas proposições: uma que se refere às condições em que uma ciência estabelece seu objeto e a outra diz do processo de "reprodução metódica" deste objeto. Para ele, toda ciência é antes de tudo a ciência da ideologia com a qual rompe, ou seja, o objeto de uma ciência não é um objeto empírico, mas uma construção, um trabalho de elaboração teórico-conceitual. Por outro lado, de natureza conceitual e experimental, o segundo momento que caracteriza uma

¹ Aliás é sobre essa base de análise que Pêcheux desenvolve o sistema de análise automática. (P.Henry, 1990)

ciência consiste em explorar seu discurso de seu próprio interior, testando sua consistência e necessidade. E é neste momento da "reprodução metódica" do objeto que os instrumentos e ferramentas têm uma função mais determinante, função esta que só pode ser exercida se a transformação produtora do objeto já ocorreu.

Pode-se aquilatar o estatuto do instrumento científico para Pêcheux: este instrumento não poderia ser concebido independentemente de uma teoria, ou melhor, não existe instrumento senão em relação a uma teoria. O que for tomado de empréstimo para construir este instrumento deverá ser *reinventado*, deverá poder ser *apropriado* por essa teoria. Ao querer transformar a prática das ciências sociais em uma verdadeira prática científica, Pêcheux insiste na questão da reinvenção do instrumento: este não pode ser um instrumento a mais no conjunto de instrumentos utilizados, como a funcionar nos lugares onde os outros não o fizeram.

Segundo Pêcheux, as ciências sociais estão na extensão das ideologias que se desenvolveram em contato com a prática política, cujo instrumento é o discurso. E é a partir desta imagem das ciências sociais e com o objetivo de efetuar uma reviravolta nesse campo que ele escolhe o discurso para intervir teoricamente e, na prática, a construção de um dispositivo experimental – a *análise automática do discurso*. Ele recusa a concepção de linguagem dominante nas ciências humanas e sociais, ou seja, a linguagem como instrumento de comunicação. Para ele, trata-se de uma ideologia que tem como função mascarar a ligação dessas ciências com a prática política como se fossem um prolongamento das ciências naturais. É para romper com esta concepção instrumental de linguagem que Pêcheux tenta elaborar uma concepção original de *discurso*.

A preocupação principal de Pêcheux na fase dos dois textos de Herbert e da Análise Automática do Discurso é a ligação entre o discurso e a prática política, uma ligação que transita pela ideologia. Tanto era importante esta questão que o segundo texto de Herbert é o esboço de uma teoria geral das ideologias. A estreita relação entre Pêcheux e Althusser faz com que muitas posições e conceitos do segundo sejam reconhecidos nas produções do primeiro. É a partir de Althusser que Pêcheux introduz o "sujeito enquanto efeito ideológico

elementar". Althusser não tinha um especial interesse pela linguagem e a Pêcheux interessava trabalhar a questão da relação entre linguagem e ideologia. Para isso, ele contava com a formulação de Althusser sobre o paralelo entre a *evidência da transparência da linguagem* e o *efeito ideológico elementar*, a evidência segundo a qual somos sujeitos. Segundo P. Henry (1990), Althusser estabeleceu o paralelo, sem definir a ligação, que é realizada por Pêcheux quando introduz o discurso e tenta desenvolver uma teoria do discurso e um dispositivo operacional de análise do discurso. Com efeito, a problemática da ligação entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia, mesmo sofrendo reformulações, vai perpassar toda a obra de Pêcheux.

Convém aqui retomar a nossa proposta inicial para destacar o porquê de evidenciarmos os textos de Herbert, que aliás são contemporâneos à produção do *Análise Automática do Discurso*. Se Pêcheux tinha em mente promover uma verdadeira reviravolta nas Ciências Humanas e Sociais, precisava de um dispositivo de análise forte, um instrumento científico capaz de garantir uma análise segura, ou seja, uma leitura não subjetiva, coerente com sua posição crítica em relação à noção de sujeito psicológico, à linguagem como instrumento e à análise de conteúdo. E para tanto, o projeto da *Análise Automática do Discurso* introduz a primeira máquina discursiva, que vai processar a descrição dos discursos, de forma não subjetiva, justamente por ser *automática e informatizada*. Determinada pelas *condições de produção*, a estréia de *Análise Automática do Discurso* tem seu ponto forte exatamente no dispositivo de análise; neste momento em germe, a teoria vai *se fazendo* depois.

É preciso destacar que muitos dos fundamentos do que viria a ser a teoria do discurso já estavam lançados lá nos dois primeiros textos quando Pêcheux assinava Herbert. E isto consistiu a sua estratégia: houve um investimento grande no dispositivo operacional de análise para "fazer frente" às Ciências Humanas e Sociais, mas os textos que foram publicados em 66 e 68 já desenhavam uma cara para a teoria. Naquele momento de efervescência, Pêcheux não poderia privilegiar os aspectos teóricos e filosóficos de sua proposta, sem correr o risco de deixar que o debate com os especialistas das ciências humanas se centralizasse neste terreno. Se isso acontecesse, o instrumento funcionaria como ilustração de seu ponto de vista, contrariamente à ênfase que ele queria dar à sua concepção

de instrumento científico, que não deve ser considerado nem como independente da teoria, nem como a aplicação desta. Já era possível, na época, diz D. Maldidier (1990), prever o *affaire* que a Análise do discurso teria com uma teoria da ideologia e uma teoria do inconsciente. E isso é perfeitamente detectável com as abordagens de Herbert ao materialismo histórico e à psicanálise.

Década de 60 terminando, uma conjuntura dominada pelo estruturalismo, uma reviravolta já provocada pelas releituras que fizeram Althusser de Marx e Lacan de Freud... Naturalmente, numa conjuntura teórica muito bem determinada, marxismo e lingüística presidem o nascimento da Análise do Discurso. O projeto se inscreve num objetivo político:

"a arma científica da lingüística oferece meios novos para abordar a política" (MALDIDIER, 1997:18).

A Análise Automática do Discurso se coloca enquanto crítica e alternativa às análises de conteúdo já automatizadas sob a forma dos métodos de análise documental. Sua formalização tem um lugar de destaque, ou seja, para Pêcheux a "máquina discursiva" dava à teoria um objeto novo, ao mesmo tempo em que os procedimentos informatizados permitiam alcançá-lo. Para um corpus fechado de seqüências discursivas, supostamente dominado por condições de produção estáveis, tem-se um discurso com a mesma configuração – a idéia de maquinaria discursiva. Daí ser "impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção" (PÊCHEUX, 1990:79).

Na AAD-69, tanto o método de análise quanto o método de composição do corpus não dão visibilidade à alteridade, pois se não se trabalham as seqüências, não se vêem as rupturas, a sintaxe, as glosas enunciativas... Perde-se a contradição da sintaxe, pois a função da máquina é deslinearizar. Pêcheux vai dizer que a teoria foi avançando para privilegiar a sintaxe como lugar de observação e, não, a morfologia, ou campo semântico. Por outro lado, estabilizar as condições de produção para compor o corpus e fazer a análise impede que se visualize o percurso histórico.

Mas Pêcheux lança o que era essencial naquele momento: o discurso não se dá na evidência de seus encadeamentos, é preciso desconstruir a discursividade para tentar apreendê-lo. Temos, então, nessa primeira fase da

Análise do Discurso, um esforço para operacionalizar o dispositivo de análise e um esboço da teoria, cujo fundamento é articular as questões do discurso com as do sujeito e as da ideologia. A definição de alguns conceitos é vital, nesse momento, como o de *discurso*, que é teorizado a partir de Saussure e é construído por Pêcheux, dentro de seu próprio dispositivo; como o de *condições de produção*, que acrescenta ao lingüístico, os protagonistas e o objeto do discurso e, numa linguagem ainda vaga, diz Maltby (1997), a idéia do não-dito constitutivo do discurso, o primeiro esboço de um conceito ausente que dominará toda essa elaboração – o conceito de *interdiscurso*.

A teoria do discurso vai tomando corpo à medida em que a prática de análise vai colocando questões ao aparelho conceitual que vinha sendo construído. Os deslocamentos teóricos que vão se processando se constituem exatamente nesse diálogo/embate entre teoria e prática. E passou o primeiro momento em que se produziram respostas e questões para as outras ciências, o dispositivo de análise começa a apontar para a própria teoria. Aliás, segundo o próprio Pêcheux, os instrumentos científicos são construídos para colocar questões e, não, para dar respostas. Isso começa a se evidenciar no segundo período da AAD, quando as relações entre as máquinas discursivas estruturais se tornam seu objeto. Trata-se de relações de forças desiguais entre processos discursivos que estruturam o conjunto com influência desigual uns sobre os outros. Tem-se aqui um movimento mais intenso que vai delineando novos e antigos conceitos que vão constituindo a teoria. Talvez não se trate de um movimento mais intenso; penso que essa "maior intensidade" deva-se ao fato de que, nesse momento, o olhar começa a se voltar para o interior da própria teoria. Para explicar aquelas relações, a noção de *formação discursiva* é, então, introduzida e vai provocar um deslocamento importante: ela começa a desconstruir a noção de máquina estrutural fechada, uma vez que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu "exterior".

"Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de 'preconstruídos' e de 'discursos transversos')" (PÊCHEUX, 1990)

Podemos aqui observar como vai se "ajeitando" a teoria, se acomodando, produzindo um certo desenho que utiliza como instrumento as questões que a prática de análise vai colocando. A noção de *interdiscurso* que foi lançada timidamente em AAD-69 é aqui retomada para designar o exterior específico da formação discursiva, que irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva.

A fase das desconstruções-reconfigurações que caracterizaram a conjuntura teórica e política, na França, em 1975, se manifesta na Análise do Discurso através de duas obras fundamentais: a revista *Langages* 37 e o livro *Les vérités de la palice*, ambos publicados nesse mesmo ano. O artigo da revista - "Mises au point et perspectives à propôs de l'analyse du discours" – colocava em evidência o dispositivo, enquanto que o livro evidenciava a teoria.

Escrito em conjunto com Catherine Fuchs, lingüista com quem Pêcheux já vinha trabalhando há algum tempo, o texto de *Langages* 37 é resultado de todo um processo de atuação da Análise Automática do Discurso depois de alguns anos. Com efeito, este texto promove uma atualização condizente com as reflexões mais recentes sobre a relação lingüística/teoria do discurso e define o quadro epistemológico geral - articulação entre o *materialismo histórico*, a *lingüística* e a *teoria do discurso*, atravessados por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. A proposta tem como ponto central a questão da leitura na sua ligação com o sujeito.

O movimento de realimentação que constitui teoria/prática nos conduz a deslocamentos importantes ocorridos na conjuntura da época. Decorrentes das profundas reflexões sobre o texto de Althusser *Aparelhos ideológicos do Estado* coloca-se a temática do discurso que vai instaurar a questão da produção do *sujeito* e do *sentido*. E, paralelamente, aparece pela primeira vez a *enunciação*. A partir daí Pêcheux vai delineando, colocando em relação, as concepções de *interpelação*, *formação ideológica*, *formação social*, e *formação discursiva*. Uma nova teoria toma corpo, unindo *produção do sentido e do sujeito* - a *teoria dos dois esquecimentos*.

Pelo esquecimento nº1 o sujeito tem a ilusão de ser a origem dos sentidos e a zona de constituição é inacessível ao sujeito. O esquecimento nº 2 se refere à zona onde o sujeito enunciador constitui seu enunciado, colocando os limites

entre o dito e o rejeitado, e o não-dito. Enquanto este esquecimento remete aos processos de enunciação analisáveis na superfície do discurso, o esquecimento nº 1 coloca em relação *famílias parafrásticas* constitutivas dos efeitos de sentido. *Famílias parafrásticas* - as matrizes do sentido - é a designação que recebem em *Langages 37*, os *domínios semânticos* da AAD-69.

Pêcheux deixa claro que a oposição entre os dois esquecimentos se efetua em relação à zona onde eles trabalham: o esquecimento nº 1 é da instância do inconsciente enquanto que o outro é pré-consciente. Ele faz aqui uma analogia dessa oposição com a teoria lacaniana: a identificação imaginária – o outro – refere-se ao esquecimento 2, enquanto que o processo de interpelação-assujeitamento do sujeito – o Outro de Lacan – é o caso do esquecimento 1. Sejam quais forem as conseqüências dessa construção, diz Maldidier, está expressa pela primeira vez a relação entre ideologia e inconsciente, questão que será o centro das interrogações posteriores de Pêcheux. *Langages 37* inaugura a problemática da ilusão subjetiva e Pêcheux apresenta a relação entre enunciação e imaginário. A enunciação que ficou de fora da AAD-69 tem agora seu lugar no espaço conceptual da teoria dos dois esquecimentos, ou seja, foi aberta uma perspectiva para análise dos processos enunciativos. Mas o espaço onde se movimenta o sujeito da enunciação é um espaço imaginário², que assegura ao sujeito falante seus deslocamentos no interior do reformulável.

*Les vérités de la palice*³ traz a filosofia para se juntar à lingüística e à semântica, espaços que Michel Pêcheux já trabalhava há muito tempo. Segundo Maldidier, vale observar que esta obra, um verdadeiro "livro de filósofo e de lingüista", constitui o cruzamento de todos os caminhos de Pêcheux. Através de (re)leituras filosóficas e retomadas históricas, ele constrói, pelo discurso, uma teia onde se ligam os fios da lingüística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política. Seu ponto de partida é um novo olhar sobre a semântica, a partir das *evidências*⁴ que a fundam, e que a situam como o ponto nodal onde se

² "imaginário" no sentido técnico lacaniano (Maldidier, 1970).

³ Esta obra foi traduzida no Brasil por Eni Orlandi e recebeu o título de *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*.

⁴ Algumas evidências como: as palavras comunicam um sentido, há pessoas e há coisas, há subjetivo e objetivo, há emocional e cognitivo...

condensam as contradições que freqüentam a lingüística e como o ponto onde a lingüística está em relação com a filosofia e a ciência das formações sociais.

O destaque de *Semântica e Discurso* está na oposição entre relativa explicativa e relativa determinativa que constitui a matéria prima da reflexão de Pêcheux. Partindo do princípio de que essa oposição mostra os efeitos da dualidade lógica/retórica no domínio lingüístico, ele busca nas re(leituras) filosóficas examinar o desenvolvimento histórico da relação teoria do conhecimento e retórica, face à problemática da determinação. Trata-se de evidenciar o funcionamento dicotômico do pensamento filosófico. À série de pares como necessário/contingente, lógico/retórico, propriedade/situação, objetivo/ subjetivo vai filiar-se *língua/fala* ou mais amplamente *sistema/sujeito falante* que constitui o avatar próprio da lingüística. Nesta perspectiva, a teoria da enunciação fica fora do sistema, uma teoria de resto.

A questão lógico-lingüística das relativas é trabalhada por Pêcheux a partir de uma re(leitura) materialista de Frege, filósofo admirado por Pêcheux, por seu antipsicologismo⁵. Desse procedimento, emergem dois funcionamentos – *pré-construído* e *articulação de enunciados* - noções chaves que constituem um deslocamento do terreno lógico-lingüístico para o da teoria do discurso. O pré-construído liga-se ao funcionamento *determinativo* da relativa; o funcionamento *explicativo* à articulação de enunciados (HENRY, 1975). Com o aprofundamento efetuado por Pêcheux, temos que o *efeito de pré-construído*, ligado ao encaixe sintático, é o de uma distância entre *o que foi pensado antes, em outro lugar e independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase* (PÊCHEUX, 1988:99) . A articulação de enunciados, realizada pela relativa explicativa, que junta duas asserções sendo uma o "apelo lateral daquilo que se sabe por outra via", constitui *uma espécie de retorno do saber ao pensamento*, o chamado *processo de sustentação* (idem, p.111)

O deslocamento de terreno de que fala Pêcheux refere-se à irredutibilidade lógico-lingüística que o *pré-construído* e a *articulação de enunciados* apresentam, pois constituem o resultado de efeitos propriamente *discursivos*. E aí dois aspectos importantes na teorização: por um lado, eles designam processos

⁵ Em contrapartida, seu logicismo constituía seu 'ponto cego'.

discursivos que se desenvolvem na base lingüística; por outro, eles são o traço de relações de distância entre o discurso atual e o discurso já-lá⁶.

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux dá uma amplitude maior à leitura do texto *Aparelhos Ideológicos de Estado*, de Althusser. O acréscimo da palavra *transformação* à fórmula althusseriana sobre "reprodução das relações de produção" é uma tentativa de desconstrução das interpretações funcionalistas que o texto suscita. Tendo a interpelação ideológica como centro de suas reflexões, Pêcheux avança na questão do sujeito do discurso, trabalhando as relações entre "evidência subjetiva" e "evidência do sentido", sugeridas por Althusser. Na mesma medida, Pêcheux trabalha a analogia entre ideologia e inconsciente e a questão da expressão *forma-sujeito*, também advinda de Althusser, que adquire uma carga conceitual forte à medida em que teoriza o funcionamento imaginário da subjetividade. Daí *forma-sujeito do discurso* que detém os elementos decisivos da teoria do discurso, ou seja, Michel Pêcheux opõe à transparência imaginária, um real chamado *caráter material do sentido*.

Aqui já podemos perceber como se dá a formação de um verdadeiro *réseau*, constituído pelo movimento de entrada de cada fio que, ao mesmo tempo se enlaça e está pronto para entrar novamente, só que não é mais o mesmo. Os conceitos e expressões que vão sendo formulados emergem da necessidade de dizer que instala o processo simbiótico entre teoria e prática. Conforme o dispositivo de análise tropeça e coloca questões à teoria, ela "automaticamente" se reelabora, se faz outra. Mas um *réseau* só passa a ser visível quando começam a se desenhar suas formas, ou seja, quando se estabelece uma inter-relação entre os conceitos, pois um só é *em relação a* outro, analogamente ao que se dá com a laçada.

Nesse sentido, toma corpo então o conceito de *interdiscurso* que vem dominar a construção teórica. Desde a AAD-69 ele vem se construindo: a relação do discurso ao "já dito" ou ao "não-dito" constitutivo; depois na reflexão de Paul Henry sobre o pré-construído, que mostrava pistas de elementos discursivos anteriores cujo enunciador foi esquecido. Definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente, pode-se dizer que o conceito de *interdiscurso*

⁶ Este aspecto é considerado decisivo para a teoria do discurso.

reorganiza e aprofunda os conceitos já estabelecidos. A partir dele e das reflexões sobre interpelação, o conceito de *formação discursiva* é reexaminado.

Da mesma forma, em relação à noção de sujeito o *interdiscurso* é decisivo, pois vai determiná-lo impondo e dissimulando seu assujeitamento sob a aparência de autonomia. Nessa leva, a noção de *forma-sujeito* também vai ter suas propriedades reexaminadas. Em relação a esta e ao *interdiscurso* é introduzido o conceito de *intradiscurso* que será mais amplamente desenvolvido nos anos 80. Uma teoria em construção assegura a retomada dos elementos conceptuais e para Pêcheux, o *Semântica e Discurso* constitui um momento de ordenação dos conceitos.

O início dos anos 80 marca um novo momento para a Análise do Discurso com a realização do Colloque *Matérialités discursives*, na Universidade Paris X – Nanterre: um encontro entre historiadores, lingüistas e analistas, em torno de questões relativas ao real da língua, da história e do inconsciente. Constituem o grupo organizador, Françoise Gadet e Jean-Jaques Courtine, lingüistas que já estão há longo tempo no discurso com Michel Pêcheux; Bernard Conein representando o campo das disciplinas sócio-históricas e Jean Marie Marandin que defendeu sua tese em 1978, no domínio do discurso.

Marandin traz para o domínio da Análise do Discurso novas referências lingüísticas e filosóficas. Ao viés que até então fora predominantemente marxista, ele acrescenta a leitura de Deleuze e, sobretudo, de Foucault da *Arqueologia do saber*. Por outro lado, a leitura que tinha de Pêcheux, a partir da preparação de sua tese, dera origem a uma rigorosa triagem das proposições do autor. E isso se repete neste momento: ao estudar os conceitos propostos por Pêcheux em *Les vérités de la palice*, Marandin destaca que o dispositivo da AAD-69, orientado na direção da deslinearização e da constituição dos domínios semânticos conduzia a negligenciar o *intradiscurso*. Mesmo levando em consideração os deslocamentos conceituais já efetuados por Pêcheux, as observações de Marandin permitem trabalhar a noção de *intradiscurso*, o conceito teórico de *fio do discurso* em sua relação com o *interdiscurso*.

Esse movimento na relação *interdiscurso/intradiscurso* intervém no interior do sistema conceitual da própria teoria do discurso fazendo emergir a noção de *discursividade*. O distanciamento da referência marxista, permitindo uma leitura

mais livre de Foucault, pôde reorientar a análise no sentido da singularidade do acontecimento discursivo. Na verdade, o papel de Marandin é fundamental para a Análise do Discurso, pois ao lado desse rearranjo teórico, por partilhar com Pêcheux a paixão pela informática, e fazendo parte do grupo *Langue, discours, idéologie* desde 1978, contribuiu intensamente na elaboração dos algoritmos da AAD-80.

Do lado dos lingüistas vieram as contribuições do grupo de Jean-Claude Milner que trabalhava nos limites entre língua e discurso: Judith Milner e Almuth Grésillon que discutiam a enunciação; Jacqueline Authier que desde 1978 abordava a questão do sentido e da enunciação pelo viés do discurso relatado. Em seu trabalho, Jacqueline Authier coloca em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso, o surgimento de um discurso outro no próprio discurso. Do lugar do lingüista, enquanto alguém que falava de fora do campo da Análise do Discurso, Authier trazia elementos decisivos para a problemática da heterogeneidade do discurso.

O desenho desse quadro teórico em que se instalou o colloque *Matérialités discursives* dá visibilidade ao movimento que se instala em torno da Análise do Discurso, tanto no que se refere às suas necessidades como ao que ela passa a se permitir. O conjunto dos temas tratados durante os debates e a mesa-redonda sobre *Discurso-história-língua*, com a participação de Antoine Culioli, Jean-Pierre Fayse, Jacques Rancière e Elisabeth Roudinesco, conferem ao evento um caráter de constitutividade daquele momento de construção-reconstrução. Maldidier observa que a partir daí a questão do discurso é colocada sob o signo da heterogeneidade, o primado teórico do outro sobre o mesmo se impõe. O que nos anos anteriores se procurava através da contradição marxista ou das falhas da interpretação ideológica, a partir de agora, se inscreve em termos de heterogeneidade.

A leitura emerge como tema central e vai conservar esse lugar nas Pesquisas posteriores. Desde o colloque Pêcheux a aborda criticamente, assim como todo o dispositivo da Análise do Discurso é colocado em questão. No texto *L'étrange miroir de l'analyse du discours*, prefácio do trabalho de Courtine, sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos, Pêcheux desenvolve a idéia de uma relação em espelho entre o dispositivo da Análise do Discurso, centrada na

paráfrase e na repetição e o objeto privilegiado que é dado à Análise do Discurso – o discurso político. Entre seus questionamentos, em 1980, ele se pergunta se não haveria uma espécie de ortopedia da leitura, tendendo a formar prótese para um pensamento político que falha. A crítica de Pêcheux tem um efeito inusitado, pois vai produzir uma certa movimentação cujo apelo é para sair do estudo do discurso doutrinário, para se dirigir à agitação dos discursos ordinários, ao rearranjo das falas anônimas, ao conversacional.

A noção de *memória discursiva* - coligada no eixo vertical, à repetição, ao esquecimento, ao apagamento e à denegação - construída por Courtine a partir de Foucault, tem uma função importante nas reconfigurações da Análise do Discurso. E Marandin retoma a questão da repetição à luz dos trabalhos de Deleuze. "Se no retorno do mesmo o diferente acontece", está justificada filosoficamente a necessidade de refletir sobre intradiscursos, ou seja, trata-se do espaço da seqüência como lugar heterogêneo de rupturas. Malidier ressalta que os dois autores, cada um a sua maneira, abordam enfaticamente a originalidade da Análise do Discurso enquanto *une discipline... inquiète de son objet* (1990:70).

A comunicação pessoal de Michel Pêcheux no colloque – *L'annoncé, enchâssement, articulation e dé-liaison* - ilustra a vigência de um novo procedimento: colocar em relação discurso e lingüística significa se interrogar sobre a *discursividade*, com o apoio das pesquisas lingüísticas em curso. *La langue introuvable*, escrito com Françoise Gadet e publicado posteriormente ao colloque, vai explorar exatamente sobre o que trabalha a lingüística.

Françoise Gadet com a comunicação *Tricher la langue* aborda o problema pelo viés da escrita; tomando as proposições chomskianas sobre os níveis de gramaticalidade, abre questões sobre as regras da língua. Jacqueline Authier desenvolve *Paroles ténues à distance*, abordando a questão das aspas que colocadas em uma palavra ou uma expressão, marca uma suspensão de sua responsabilidade como enunciador. Trata-se do surgimento do outro dentro do discurso de um sujeito; a problemática da heterogeneidade se constituindo como ponto de ancoragem para a análise.

O Colloque *Matérialités discursives* constitui um marco decisivo no percurso da Análise do Discurso como um momento de avaliação e de novas proposições; um acontecimento de dar visibilidade ao trabalho de interrogação-

negação-desconstrução (PÊCHEUX, 1990), e acrescentaríamos, de construção, das noções que habitavam e passarão a habitar a Análise do Discurso. Após o colloque, Pêcheux e seu grupo vão se dedicar ao projeto da RCP (Recherche Coopérative Programée), tendo como centro dos debates o texto *Lire l'archive aujourd'hui*. Este projeto estava bem estruturado junto ao CNRS e tinha como objetivo o desenvolvimento dos trabalhos de análise do discurso numa ligação estreita com as preocupações sócio-históricas, a investigação lingüística e o desenvolvimento da informática textual.

O subprojeto l'ADELA – *Analyse du discours e lecture d'archive*, como o próprio nome diz, vai juntar *leituras de arquivo* à Análise do Discurso. O problema da leitura que nasce com a AAD-69 ressurgiu agora, mas sob um olhar radicalmente novo. Em primeiro lugar, o termo foucautiano *arquivo* coloca a leitura num patamar que não é mais o de *máquina de ler*, mas o de confrontação com os mais variados textos sócio-históricos. Depois ela é institucionalizada enquanto disciplina universitária, junto com a RCP, e contará a partir daí, com a participação de Jacques Guilhaumou, historiador e analista de discurso, e Bernard Conein, sociólogo, no setor de Arquivo sócio-histórico.

Uma retomada, a partir de *Les vérités de la palice*, mostra que a teoria do discurso estava presa no fantasma da articulação. Grandiosamente ela procurava, sob o signo da ciência, estabelecer relações entre os diversos campos do saber; ela convocava a História, longe da historiografia, dos trabalhos disciplinares da sociologia e da etnologia. À primeira vista pode parecer estranho o retorno acima mencionado, mas agora trata-se de um retorno ao real: a Análise do Discurso sai de seu casulo e se confronta com as outras disciplinas, *se colocar à prova*. A partir de então os debates eram constantes e uma perspectiva interdisciplinar mais ampla garantia outros eventos.

Em síntese, a época da RCP foi um tempo de inúmeros debates, de produção, de deslocamentos, de aprofundamentos... O encontro de diversos campos do conhecimento, de diversas "gentes", assim como a "abertura" da própria Análise do Discurso funcionou como provocação às idéias, como nutriente intelectual. Desde a tomada de *Lire l'archive aujourd'hui* como manifesto do projeto ADELA (no interior do RCP) instala-se um modo coletivo de pensar e de escrever e os textos da época carregam as marcas dessa mudança:

ils seront habités des mots des autres. Ils semblent appartenir à tous (MALDIDIÉ, 1990:73).

Talvez caiba aqui uma rápida retomada sobre o fundamento dessa "invenção" de Michel Pêcheux para evidenciarmos que o processo de constituição da Análise do Discurso não se caracteriza por superações. Temos, sim, reformulações que constituem a construção de uma teoria em função de uma prática que se historiciza pelas suas particularidades; temos, sim, um amálgama em que o dispositivo de análise ao produzir um efeito de retorno sobre a teoria se constitui num lugar onde essa teoria se faz outra. Portanto, não temos uma Análise do Discurso mais moderna ou mais antiga, temos uma teoria sendo construída e, como tal, se caracteriza pela provisoriedade.

Pode-se dizer que a questão da leitura esteve sempre no centro das investigações. Assim como ela perpassa todas as reflexões do ADELA, como por exemplo, no manifesto, que Pêcheux começa descrevendo a *divisão do trabalho social da leitura*, a AAD-69 tinha como competência fundamental propor um dispositivo de *leitura não subjetiva*. E esse dispositivo inicial se manteve no decorrer de toda a construção da teoria do discurso. A partir do procedimento de análise, quanto ao sujeito, tem-se posição sujeito, efeito-sujeito; quanto ao leitor, tem-se sujeito-leitor, que no caso do analista, ele se "apaga" atrás do gesto de análise. A crítica de Pêcheux é em relação à divisão do sujeito leitor que parte da escrita. A reintrodução de um sujeito que interpreta modifica, dá outro estatuto à disciplina.

A Análise do Discurso estava construída em torno do sentido, cientificamente ela queria abordar a questão da materialidade do sentido. Pendendo para o lado das disciplinas interpretativas, durante o colloque *História e Lingüística* ela se situou primeiro ao lado dos historiadores. Mas isso é coerente, pois Pêcheux sempre pensou a Análise do Discurso na tensão entre história e lingüística e os reajustes propostos tinham relação com a primeira. No que se refere à língua, sua posição é claramente expressa desde o primeiro momento, ou seja, a rejeição a toda metalinguagem universal. E após 69, a concepção de língua e da relação língua-discurso é bastante aprofundada. Os textos da última fase dizem do "real da língua" de Jean-Claude Milner e da sintaxe enquanto a que mais perto chega do próprio da língua. A descrição discursiva, pois, visa o embricamento das ordens da sintaxe, do léxico e da enunciação.

De outro lado, os debates realizados na RCP ADELA, a emergência de novas práticas disciplinares acenam para a possibilidade de uma reaproximação entre a História Social das Mentalidades e a Análise do Discurso, caracterizada por um novo gesto de leitura. Na verdade, tem-se nessa fase, a possibilidade de começar a situar mais claramente os diferentes campos disciplinares e suas relações com o campo específico da análise do discurso. Ou seja, começa a se delinear nesse conjunto interdisciplinar o lugar de entremeio da Análise do Discurso. Ou ainda, instaura-se "uma prática de conhecimento que se faz politicamente referida e sócio-historicamente sustentada" (ORLANDI, 2001).

Todo esse movimento (se) constitui (n)um trabalho de interrogação-negação-desconstrução capaz de perdas, angústias e novas construções. A AD-3 caracteriza-se sobretudo pela desconstrução das *maquinarias discursivas* e o surgimento de novos algoritmos como *máquinas paradoxais*, acenando para uma possível "nova análise do discurso" (PÊCHEUX, 1990).

Maldidier evidencia que, malgrado todos os deslocamentos efetuados, o essencial do que constitui(a) o *discurso* permanece. Ela cita como exemplo o texto do projeto de pesquisa *Lecture et mémoire* que indo contra os modelos cognitivos de memória e as teorias psicológicas do sujeito epistêmico, vai definir com clareza as incidências do interdiscurso na análise lingüístico-discursiva da seqüência. A noção de *formação discursiva* desaparece, mas o conceito de *interdiscurso* é sempre lá. Até o fim permanece também uma idéia de sujeito e de sentido. Da mesma forma permanece a paixão de Pêcheux pela informática. E desde o dispositivo da AAD-69 até as máquinas paradoxais a reflexão sobre os algoritmos está ligada à teoria. O recurso da informática para ele não era apenas um setor coadjuvante, mas se inscrevia no interior mesmo do pensamento político, não para o reprimir, mas para preservar seus espaços de interrogação, para desfazer o fechamento do sentido.

Das máquinas de ler a todas as leituras possíveis, Pêcheux deixou caminhos abertos para que estradas fossem construídas. Mas poucos foram os que optaram tomar esses caminhos. Na verdade, não se tratava apenas de opção, mas de uma certa sensibilidade e sintonia ligadas a ele, capaz de apreender na tessitura de sua Análise do Discurso, os pontos a espera de serem trabalhados.

Ao retomar o texto *Análise de discurso: três épocas*, que nos remete a tantos outros textos, nos chama a atenção o item *E sobretudo muitos pontos de interrogação...* Na verdade o que me tocou foi um certo pensamento como *eu já li sobre isso em algum lugar...* Mas imediatamente foi possível localizar os efeitos dos questionamentos aí levantados por Pêcheux. Esses efeitos estão presentes numa Análise de Discurso que se filia a ele, mas tem seus deslocamentos e escrita à brasileira: a Análise de Discurso que faz Eni Orlandi.

Referências Bibliográficas :

- HENRY, P. "Constructions relatives et articulations discursives". *Langages 37 – analyse du discours langue et ideologies*. Paris: Didier-Larrouse, p.81-98, mars 1975.
- _____. "Os fundamentos teóricos da 'análise do discurso' de Michel Pêcheux". In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MALDIDIER, D. "Elementos para uma história da análise do discurso na França". In: ORLANDI, E. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. "(Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui". In: *L'inquiétude du Discours*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. "A análise de discurso: três épocas (1983)". In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- _____. "Análise automática do discurso (AAD-69)". In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)". In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, M. et alii. "Apresentação da análise automática do discurso (1982)". In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, M. "Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso". *Escritos*. LABEURB/NUDECRI-UNICAMP, n. 4, p. 7-16, 1999.
- PÊCHEUX, M. "Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas". *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, n. 2, p. 7-32, jul.-dez. 1998.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. *Cidadãos modernos - discurso e representação política*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.